

Trote na universidade



Luis Carlos Giarola ¹

O trote rotineiro, admitido pelos estudantes, em geral traduz uma concepção de brincadeira e zombaria, na qual se garante fundamentalmente que o veterano se divirta.

Na minha experiência, de calouro a veterano, o trote foi uma ocorrência muito marcante. Como bixo, passei por muitas situações de apuro, curti bastante adrenalina, auto-affirmei-me com meus colegas e escapei de todas as modalidades que na época eram temidas. Fui o que se costuma denominar um "bixo esperto". Alguns não passaram tão ilesos assim...

Já veterano, queria dar trote, divertir-me com a cara dos bixos, mas ... meu desempenho deixou a desejar: não conseguia assustar, subjugar, ou zombar de um bixo com a criatividade e a desenvoltura de outros veteranos (aos quais, nessa época, eu no fundo até admirava).

Os trotes-aberrações (aquelas modalidades que ninguém assume a autoria ou sua defesa perante autoridades, mas que, pelo contrário, condena-as e as atribui a pessoas descontroladas e/ou a veteranos de outros cursos) constituem outra esfera de problema, porque aqui se entrecruzam reminiscências de outras injustiças da sociedade, despertam indignações e clamores por punições, não havendo sustentação assumida para sua ocorrência. Há relatos de atrocidades no trote desde a Idade Média e suas origens remetem a vários aspectos da relação entre as pessoas, estando bem analisado na monografia de Paulo Denisar Vasconcelos ². Nesse livro, citam-se dois casos de óbitos de universitários brasileiros em situações de trote:

² A violência no escárnio do trote tradicional (um estudo filosófico em antropologia cultural). Santa Maria-RS: Universidade Federal de Santa Maria, 1993. 45p.

¹ Médico, professor do Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina de Botucatu - Unesp. Presidente da Comissão de Assuntos Estudantis/FMB.

Carlos Alberto de Sousa (20 anos -Jornalismo/Universidade de Mogi das Cruzes-SP - 1980), em decorrência de traumatismo crânio-encefálico resultante de agressões de veteranos; e George Mattos (23 anos - Direito/Fundação de Ensino Superior de Rio Verde-GO - 1990), em decorrência de parada cardíaca ao tentar fugir de veteranos.

Hoje, a opinião dos calouros da Faculdade de Medicina de Botucatu, ao término do período de trotes³, é a de que o trote como uma brincadeira ou como uma integração é importante para o início da vida universitária, desde que não ultrapasse os limites da integridade do bixo. Em inquéritos que temos realizado nos últimos anos, menos de 10% dos calouros discordam disto. A grande maioria diz pretender aplicar trotes no próximo ano, “trotes agradáveis e leves, respeitando a vontade do calouro, caso ele não queira” (sic). Vale lembrar, que o trote (segundo o Aurélio) “é uma zombaria a que os veteranos das escolas sujeitam os calouros”. E também, que zombaria é uma “manifestação intencional, malévola, irônica ou maliciosa, por meio do riso, de palavras, atitudes ou gestos, com que se procura levar ao ridículo ou expor ao desdém ou menosprezo uma pessoa, instituição, coisa etc., e até os sentimentos.” De minha vivência atual com o trote, acompanhando e participando da organização de atividades de recepção a calouros e de comissões de sindicância sobre trotes abusivos, posso dizer convictamente, que trote que respeita a vontade do bixo não é considerado trote. O gostoso, o excitante, o gerador de adrenalina é a subjugação do calouro pelo veterano. Devido a isto, acredito que as propostas de trote-cidadão (do tipo ações solidárias e/ou educativas como coletar lixo, pintar escolas, doar sangue etc.) estão fadadas ao insucesso, podendo mesmo serem transformadas em trotes tradicionais, caso haja subjugação em suas realizações. No nosso meio, atividades que construam e desenvolvam a cidadania são bem-vindas e necessárias, mas quem disse que os veteranos, os docentes, os funcionários e os pacientes são 100% solidários? Por que então programar essas atividades só para os calouros? Penso que o trote habitual (excluídos os definidos como aberrantes) está aí presente e sob a anuência das instituições universitárias. É necessária maior definição para sua abordagem no próximo ano: ou continua liberado, ou se cria uma legislação explícita para sua proibição. Não é possível haver um meio termo, porque o limite entre o trote integrador-brincadeira e o trote abusivo é muito tênue e variável de pessoa para pessoa; não dá para ser objeto de um acordo entre os veteranos. Há dois anos tivemos um exemplo de tentativa, em que se definiu como permitidos os trotes de corte de cabelo, pintura de rosto e pedágio⁴. Em 1999, a única denúncia que motivou uma sindicância diz respeito a situação ocorrida em um pedágio... Há anos, em Botucatu, se investe na proposta de humanização da recepção e negação da humilhação e do abuso no trote. Há inegáveis sinais de progresso. Talvez esteja no momento adequado para se dar força à corrente defensora dos direitos de cidadania proibindo de forma efetiva o trote (com legislação específica e rigor na sua aplicação), ao mesmo tempo em que se organize uma boa recepção aos calouros.

³ Comissão de Recepção aos Primeiranistas de 1999 - Grupo Administrativo do Campus de Botucatu/UNESP. Questionário de avaliação da Recepção/99. mimeo.

⁴ Haroldo Amaral. Alunos e diretores discutem limites do “trote”. Botucatu: Jornal Diário da Serra, 11/03/97. p.2.

